

A SEMANA

COTE

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

Director—VALENTIM MAGALHÃES

Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDO E, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATFAZADO 200 RS.

SUMARIO

Victor Hugo—Historia dos sete dias; Valentim Magalhães—Crime do Rio Bonito—Luiz Barbosa da Silva; Lucio de Mendonça—Um homem gasto; Norico—Politica e poéticos; Ambrosio Severo—A Illustração—Bellas Artes; A. F.—Ray Vaz, romance; A. Azeredo—Theatros—Questão litteraria—Criminal; Araripe Junior—Recebemos—Correio—Victor Hugo—Annuncios.

A SEMANA

Rio, 23 de Maio de 1885.

VICTOR HUGO

Acaba de fallecer o primeiro poeta da Franca, isto é: o primeiro poeta do mundo; porque a Franca da Encyclopedie, a Franca de Victor Hugo é a patria da Civilização, o nucleo de todas as aspirações, de todas as lutas, de todos os seculos.

O mundo inteiro sentio hoje um estremeamento novo.

A dor que se costuma sentir pela perda de uma pessoa intima, tomou um caracter estranho—generalizou-se.

O universo onvio assombrado a quebra do maior genio da poesia contemporanea.

Os proprios homens de espirito como que se habituaram a velo como materialmente immortal.

A immortalidade subjectiva nelle confundia-se com a temporariedade da existencia objectiva.

E' tão grande a sua gloria, a sua sombra envolve de tal modo o seculo XIX que julgam que ella não é a projecção das suas idéas, da acção directa que ellas exerceram na esphera politica e litteraria do seu tempo, mas sim o desdobramento colossal da sua estrutura material.

A grandeza humana é isto:—é Victor Hugo.

Para se ser verdadeiramente grande é preciso ser assim.

Todos os poetas que se recolham á sombra desse magestoso carvalho, como elle chama Zola, ainda repetem os cantos que ali ouviram psalmodiar os passares mysteriosos, que cantavam ora a monotouia do céu do Oriente, com os seus denses e as suas legendas sombrias,

ora o espirito violento que irrompeo do phenomeno politico do seculo XVIII.

Acaba de morrer o primeiro homem da Franca, acaba de transpor o mysterio impenetravel da morte aquelle que vio desfilar ha pouco tempo deante do seu palacio da avenida Eyl ou Pariz inteiro, isto é: o mundo.

A Franca vai conceder-lhe o premio de tantas lutas, de tantos sacrificios.

Chegou o momento da Franca dar-lhe o tumulo, que era só o que elle pedia, o que consubstanciava todas as suas aspirações

«Pour prix de mon exil, tu m'accorderas, Franca,

Un tombeau.»

Porém a patria de Voltaire, a patria de Danton, a patria em cujo céu fecundo surgiu a aurora da redempção do espirito moderno, e que se poz á ficção de uma vontade celeste, despotica, o facto natural e logico da evolução e do progresso, é pequena para cont-lo. Aquelle corpo precisa de um tumulo maior, aquelle espirito de uma esphera psychologica mais ampla.

O seu corpo vai ter um tumulo maior que a Franca: o mundo,— e a sua memoria viverá sempre no espirito dos povos que se acostumaram a velo como a encarnação luminosa dos extraordinarios acontecimentos que estão intimamente ligados ao esforço collectivo de todas as nacionalidades modernas.

Para dar a mais imperfeita idéa do que foi Victor Hugo e do que ha de ser na Historia da Humanitaria, um artigo é pouco e não ha espaço nem tempo para escrever um livro. Limitamo-nos por isso a enviar os nossos pezaes á Franca, e á civilização.

A redacção d'A Semana, apenas teve noticia do fallecimento do grande poeta, envolveo em crêpe a sacada do edificio em que está installada e fez serrar as suas portas. Resolveu em seguida como outras tantas demonstrações de pesar, tomar luto por oito dias e convidar a acompanhá-la nesse acto todos os homens de letras residentes na capital do imperio; de licar o seu numero proximo ao grande homem do seculo, com a collaboração dos nossos mais distinctos escriptores, e promover por

meio de uma reunião de todos os jornalistas da cote — a realisação de uma grande sessão litteraria em homenagem a Victor Hugo, reunião que terá lugar hoje, ao meio dia, na sala desta redacção.

Por esta forma acredita A Semana interpetrar de maneira condigna, os sentimentos da patria brasileira para com a memoria do illustre morto.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Ha cinco dias que o mundo inteiro tem os olhos voltados para a capital da Franca n'uma dolorosa ansiedade, n'uma afflictiva expectação.

Ha cinco dias que na capital do Brazil, como em todas as cidades servidas pelo telegrapho, um unico acontecimento tem occupado as attentões, sómente um assumpto tem levado para as conversações dos particularres como para as chronicas dos jornaes.

Esse acontecimento extraordinario, esse triste assumpto — é a enfermidade de Victor Hugo.

Na terça-feira, 19 do corrente, foi a população desta cidade surprehendida com a bitura na Gazeta de Noticias, do seguinte desagradabilissimo telegramma:

«Pariz, 18 de maio.

Acha-se gravemente doente Victor Hugo.

O seu estado inspira serios cuidados. A noticia da doença do grande poeta causou profunda sensação em Pariz.»

E desle esse instante a capital do imperio só teve um pensamento:— Victor Hugo está gravemente enfermo; uma só preocupação:— Como terá passado Victor Hugo?

Quem pergunta, no entanto, pela saúde do grande homem que vai dar o seu nome ao seculo? Quem estremece pela sua vida? Quem ergue a Deus o pensamento implorando a salvação do grande poeta? Quem? Os seus filhos e os seus amigos.

Esse homem, ora prostrado sobre o leito do soffrimento e talvez da morte, em Paris—longe, tão longe! — esse homem é o pai de nos todos que nomejamos este poderoso instrumento de vida e morte, o qual, mais forte que o proprio dinheiro faz a paz e a guerra:— a penura.

Todos nós que, estudando o passado, encaminhamos o presente, a preparar o futuro; todos nós que batalhamos a grande batalha eterna da vida intellectual, enclendo o seculo com o ruido formidavel dos prélos, das conferencias, das discussões, dos theatros, dos meetings, das rebelliões; todos nós — os lavradores do pensamento,— que arrotemos com a penna o campo infinito das idéas, ora sorrindo nas esperanças de

colheita opima, ora vergando ao desanimo, ante a fraqueza da intelligencia ou ante força de resistencia dos erros e dos preconceitos, herveas laminihos e contaminosos que empestam o seculo, empecen lo a lavragem bendita da Verdade, ora venci los, ora vence tores; mas sempre labntan lo, regan lo sempre com o suor do rosto e o sangue do coração a sementeira de luz, nos sulcos rasga los nas carneças aridas e duras da ignorancia e da estupidez á força de immenso trabalho e á custa da propria vida; to los nos que,—pouco ou muito, muitissimo ou quasi nada—concorremos para a construcção do templo cycloptico do Amor Universal em que hão de ser a lora los o Trabalho e a Paz sobre o altar da Verdade, to los nos somos filhos desse octogenario sublime, lesse velho gigante moribundo, forte como Gilliat, illuminado como Euforas, implacavel como Gwinplaine e puro como o bispo Bemvindo; todos nos somos filhos desse genio colossal que se pode ser compara lo, quan lo é preciso retrata lo, aos proprios heroes dos seus livros, ás suas proprias creações!

Para os povos de to lo o mundo, o velho cuja vida corre perigo enorme neste momento, que talvez neste momento já não perlanga ao numero dos vivos, esse divino velho foi sempre um amigo, o melhor, o mais leal, o mais heroico, o mais fiel dos amigos.

O tu, quem quer que sejas que estás leu lo estás luh is—o teu maior amigo vai partir... Vacs perder o teu maior amigo!

Mas tanto os solha los da Luz, como os povos lo mundo bem sitem e reconhecem que é um pai e um amigo que está gravissimamente enfermo, soh o cutello impie loso da morte.

E é por isso que a enfermidade de Victor Hugo foi o maior acontecimento e o assumpto principal destes cinco dias ultimos em to las as cidades, villas e logarejos on lo tenha chegado a lamentavel noticia.

Consequentemente, *A Semana* só pode escrever a historia dos sete dias ultimos pela seguinte maneira:

Segunda-feira, 18.—Victor Hugo adoecce gravemente;

Tercera-feira, 19.

« Continua a ser gravissimo o estado de Victor Hugo.

« O grande poeta conserva toda a lucidez do seu espirito, e diz que chegou o seu ultimo momento.»

Quarta-feira, 20.—« Victor Hugo continua muito mal.

A molestia causa-lhe crises frequentes e é extremo o seu estado de fraqueza.

Os mellicos assistentes poucas esperanças tem de o salvar e o dño já como quasi desenganado.

A molestia do eminente homem de letras despertou em todo o mundo grande interesse.

Numerosissimas são as cartas e telegrammas que affluem á sua morada, e muitas pessoas têm ido á casa de Victor Hugo deixar o seu cartão de visitas.»

Quinta-feira, 21.—« E' desesperado o estado de Victor Hugo. Não ha esperanças de que se salve.»

Deus salve Victor Hugo!

VALENTIM MAGALHÃES.

Post scriptum.

Sexta-feira, 22.—« Falleceu Victor Hugo, á 1 hora da tarde.»

E falleceu sem ter assistido á commoção do primeiro centenario da revolução franceza, sem ter visto completar-se a edição nacional de todas as suas obras—essa edição colossal que vac ser o maior successo da exposição uni-

versal de Paris, em 1889 e que seria o complemento da obra titanica do grande genio, o—monumento grandiosissimo da sua immortalidade—em villa!

Elle tinha razão quan lo dizia, conscio do seu valor, que a sua morte deixaria um grande vazio no seculo.

Sim; hoje que Victor Hugo transpoz o limiar do eterno mysterio da morte, que nem o seu proprio genio pode decifrar, pode-se dizer que o seculo está fin lo.

Victor Hugo nasceu com o seculo XIX; o seculo XIX morreu com Victor Hugo.

V. M.

CRIME DO RIO BONITO

VINTE E DOIS RÉUS

Realisa-se no dia 25 do corrente na villa do Rio Bonito o julgamento dos autores do arrombamento da cadeia e do barbaro assassinato dos escravos presos como implicados na morte do fazendeiro José Martins da Fonseca Portella.

São em numero de 22 os réus d'esses gravissimos delictos. D'elles a maior parte é formada de fazendeiros, mais ou menos abastados, chefes de familias respeitaveis e cidadãos morigerados e laboriosos. No primeiro numero desta folha promettemos contar toda a historia d'este crime hediondo; não o fizemos ainda, nem o faremos, por emquanto, por não desejarmos de nenhum modo perturbar a acção da justiça. Limitamo-nos a dizer que muitos,—a maior parte—d'esses homens, que vão sentar-se no banco dos réus, foram arrastados ao crime por *circunstancias extraordinarias*, algumas com força de justificativas legaes.

O crime de muitos d'elles consistiu unicamente em *haverem acompanhado os cabeças* da sanguinolenta expedição, obedecendo a uma serie de imposições de ordem moral, que hão de naturalmente vir a publico; e nenhuma participação tiveram na execução dos crimes por que vão responder ao jury.

O certo é que o verdadeiro ou verdadeiros responsaveis d'essas atrocissimas scenas, nada soffreram, nada soffrem e nada hão de soffrer.

Vão ser punidos os *instrumentos*, mas a mão que os dirigio e manejou, essa, continuará a estender-se á sociedade e a ser por ella acolhida sem a minima noção de culpa ou pena.

E' velhissima esta historia, e, portanto, nada tem que possa causar espanto ou estranheza.

Calcula-se que entre réus, juizes, advogados e testemunhas cento e tantas pessoas figurarão neste importantissimo processo.

Sabemos que os réus serão acompanhados e defendidos pelos seguintes advogados: Drs. Geminiano Brazil, Bento de Almeida Pereira, Bernardo de Vasconcellos, Rodrigues Coelho e Valentim Magalhães.

O constituinte d'este ultimo é um moço lavrador de 30 annos de idade,

muito estimado no municipio, e que apenas por um triste capricho do acaso se achou envolvido nesse drama negro e sangrento; pertence ao numero d'aquelles infelizes a que acima especialmente nos referimos.

De tudo quanto se passar no jury do dia 25 e seguintes informaremos em supplemento os nossos leitores.

Luiz Barbosa da Silva

Se os fluminenses são, como eu piamente creio, uma sociedade intelligente e culta, deve ainda ali haver viva memoria d'este homem de grande merecimento. Advogado e jornalista, redactor da *Actualidade*, folha liberal das mais brilhantes que tem tido o nosso jornalismo, e, depois da *Republica*, da grande, da que foi, mais tarde, apedrejada pela policia do Sr. Duarte de Azevedo, Luiz Barbosa, cujo nome faz parte das tradições sagradas do partido republicano do Brazil, era, na vida privada, um original.

Sob este aspecto, modestamente anedoctico, é que a *Semana* o recorda hoje.

Cousa singular! este pensador que pode offerecer-se como exemplo de inquebrantavel coherencia, de perfeita harmonia sythematica de idéas, era, em outras relações, um caracter muito contradictorio.

Em materia de forma litteraria, por exemplo, era interessante observalo. Luiz Barbosa nunca foi escriptor correcto: basta dizer que nutria a convicção de que o *se* portuguez, signal de voz passiva do verbo a que se juncta (*se o junta*, era elle capaz de dizer), é exacto correspondente do pronome pessoal infinitivo francez *on*: d'ahi, aquella horripilante syntaxe do *se o*, tao commum no nosso parlamento e, ai de nos! até na nossa imprensa,—*uão se os pôde ver, se se a considera*,—e analogos horrores!

Pois este mesmo escriptor tinha immensa sensibilidade artistica em questoes de forma, e, nesse ponto, verla-deiras idiosyncrasias litterarias, semelhantes ás de Ramalho Ortigão na sua theoria das affinições les mysteriosas de certos nomes com certas idéas, como *Ermelinda* com cheiro de fructa (talvez pela semelhança com marmelo) e *Estevam* com aparas de madeira preta. Para Luiz Barbosa o emprégo, a leitura, o simples aspecto, de certos termos repugnava-lhe mais do que a propria cousa expressa: tinha náuseas ao ouvir ou ao ler a realmente chulissima palavra *chulé*. A forma *acabar de*,—*acababa de publicar-se*,—*acabamos de ler*,—causava-lhe calafrios.

Outra contradicção do seu caracter era em materia de dinheiro. Era, conhecivelmente, gastador; mas tinha ás vezes accessos de economia que chegavam a ser comicos em um mãos-largas como aquelle.

Lembra-me que, uma vez, mandou chamar um dentista, para umas obturações a ouro. O dentista costumava cobrar 10\$000 por obturação, mas de uma cavi tale so; se o dente era curia lo em direcções diversas, contava outras tantas obturações. O dente que Luiz Barbosa lhe appresentou era d'esta ultima especie ruinosa,—era cariado em tres pontos. O cirurgião declarou-lho.

— Quanto me custará então o seu trabalho? perguntou, muito sério.

— Trinta mil réis.

— Trinta mil réis! Olhe, senhor! não tenho na bocca nem um dente que valha isso! por esse preço, se quer,

venho-lhos todos! Arranque, á escola!

Outra particularidade, ainda notável em homem tão facilmente corajoso: tinha um me-lo fabuloso, mex primível—de cães hydrophobos.

Dizia, ao ver passar alguém de sapatos, na estacão calmosa:

— Estes illuminados são uns heroes! Vej um este homem, com sapatos, por estas ruas cheias de cães illuminados!

E usava botas Méhès, de canoas altas, por dentro das calças, até quasi aos joelhos.

Era finamente educado; mas levava ás relações de individuo a individuo o seu claro espirito de rectidão. Dous bellos exemplos d'isto:

Um dia, entra-lhe na sala de redacção da *Republica* e aproxima-se da sua mesa um cidadão francez, de tres distinctos, e pergunta-lhe, em francez, se é o Sr. Dr. Luiz Barbosa. Barbosa responde-lhe com uma ceremoniosa inclinação de cabeça, e, ainda com o gesto, convidando a sentar-se n'uma cadeira proxima. Sentado, entra o homem em longa fallaa, ainda em francez, expondo o fim da sua visita. Quando acabou, Barbosa, muito grave, sacudindo a cabeça:

— Não comprehendo o francez.

Torna o homem na mesma lingua, e declara que sabe que o Sr. doutor falla perfeitamente o francez, que estive já em Pariz...

— Sim, estive em Pariz, meu caro senhor, e fui á redacção de jornaes, mas la falli, como Deus foi servido, o francez que pude arranjar. Aqui agora, numa redacção de jornal braziteiro, não estou muito resolvido ao mesmo incommodo: queira o senhor, por sua vez, fallar o portuguez que souber.

— Só quando o outro, com sobeismos e barbarismos e asneiras de todos os tamanhos, resolve-se a estropiar o idioma de Camões, resolveu-se Barbosa a comprehender-lhe e a attender-lhe com toda a cortezia.

De outra vez, foi n'um bond, com um perdivilho da corte.

Entrou o rapazola, em caminho, e com tal desaso que pisou um pé a Luiz Barbosa, a cujo lado veio sentar-se, olhando ainda para elle com uma cara muito enfezada, como se lhe exprobasse o aborrecimento do tropéico.

— Meu senhor, observou-lhe Barbosa, perfeitamente calmo, é costume, quando se causa involuntariamente a alguém o incommodo que o senhor me deu, pedir desculpa.

— Ora! não reparei no seu pé, tornou-lhe o janota com mau modo.

Barbosa callou-se, mas uão o perdeu mais de vista—para o caso do outro ter de sair em caminho; uão sahiu, foi com elle até á estacção do largo de S. Francisco. Alli, mal parou o bond, levantou-se Barbosa rapidamente e entrou a passar, uma, duas, tres vezes, por cima dos pés do pelintra estatelado. E posso garantir-lhes que naquelle momento não lhe tremia um musculo no seu bello rosto pallido.

Mais um traço, para acabar.

A um antigo alabardeiro do paço, depois demagogo guedelhudo e protegido seu, revertido agora definitivamente ao regimen da albarda e do cabelleto rente, dizia Luiz Barbosa:

— So lhe conheço uma qualidade boa: ser honesto em materia de dinheiro; mas isto é apenas uma qualidade negativa—é não ser larapio.

Aquello não se enganava com o Sansão da Liga Operaria e da revolução das enouras, a quem uma Dália perdida, o *Jornal do Commercio*, apurou a melena, mas respeitou os pedaos.

LEITO DE MENDONÇA

Maio de 1885.

UM HOMEM GASTO

Pelo *Jornal de B* sahiu um tal *Estudioso*, agredindo o autor destas linhas em termos pouco decentes e com machaçoes improprias de um escriptor de fina tempera. Pelo despeito que reguma do artigo vê-se que *Estudioso* e L. L. são uma e a mesma pessoa.

Estudioso enama-nos de *critico novico*. Advinhaon... seguramente tem *Estudioso* razão para fazer assim por achar-se no caso d'aquelles cuja callote craneana consolidou-se; portanto é impenetravel aos progressos, e se nao mentem as lições dos proffissionais que estudaram o caso Castro Maita, é um homem acabado. Dada a sua *sentidoade* litteraria e tudo quanto na de vulgar no seu livro de 210 paginas.

Temos pena de L. L. e por isso vamos limitar nossa resposta a proposições muito concisas.

É evidente que L. L. enfureceu-se por que se lhe negou a qualidade de *naturalista*. Isto não é crime. Dizer a verdade nunca constituiu offensa. Como, porém, procuramos tiral-o d'essa illusão, que se abrigou sob a bronzea abobala de sua callote craneana, talvez porque introduziu em seu livro algumas parases acrevilas, algumas allasões pornographicas, eito a lançar fogo e a provar que ninguém tinha attingido ainda tao supremo gráo de força *naturalistica*.

Se L. L. não tivesse vindo com desafforo nos limitariamos a definir mais claramente a idea. A sua impertinencia, pois, nos obriga a dizer tudo, e a esculpecer o publico sobre o verdadeiro merecimento da obra.

L. L. quer metter-se em lenha? Pois tome lenha.

O *Um homem gasto* é um romance incolor e chato, tanto na forma como nas ideas. Não ha assumpto, que mais possa encher as paginas de um livro do que o que foi escolhido por L. L.; nao ha que duvidar. Não pense elle, porém, que isto seja para ensoberbece-lo, primeiro porque uão soube pensar-o, segundo porque não soube exprimir-o, condições sem as quaes uão ha obra e d'arte possivel.

Simplicidade de acção, reclama L. L.!

Mas saiba S. S. que ha simplicidade e ha simplicidade. Não existe acção por mais simples que pareça que, analysada por quem sabe usar da analyse, não se reduza a uma enorme complexidade de causas, de que ella é a resultante. Foi justamente por não possuir a faculdade de analysta, que L. L. nao soube pensar o seu assumpto, o qual é, sob esse ponto de vista, complexissimo. É o desenvolvimento d'essa faculdade que constitue o traço caracteristico dos romancistas naturalistas. Nao eram *incidentes descommunaes, situações melodramaticas*, á Ponson du Terrail, o que o *Novico* exigia do estudo de L. L.; era a accumulacão de observações suggestivas, a massa de factos artisticamente coordenados, para produzir no espirito do leitor a illusão do desenvolvimento logico de uma alma, de um defeito, de um vicio, de uma serie social, etc. Veja L. L. os processos empregados pelos mestres para chegar ás suas *proprias ideas*, e se convencerá de que temos caradas de razão.

Quanto á expressão o que diremos? Uma consequencia fatal d'aquella qua-

lidade. Já Horacio, na sua arte poetica diz: *que so pòde bem descrever quem bem observa*. Aristoteles tambem affirmava na sua *Esthetica* que difficilissimo é fallar-se com proprieidade em consis communs. O caso precisamente do *Homem Gasto*.

L. L. não tem noção do que seja *expressão*, nem muito menos distingue a expressao chamada classica da romantica, a romantica da naturalista, etc. Um portuguez mais claro não sabe o que quer, nem como pensa, nem como se ha de expressar, principalmente tratando de um assumpto tao grande e ao mesmo tempo tao corraquer, como é o do seu romance, um assumpto que aliás é a obsessão de todos os romancistas da escola a que elle tem a pretensão de pertencer, desde Balzac ate Zola.

Em summa L. L. fez o que muitos artistas de theatro costumam fazer quando não comprehendem o actor que interpretam. L. L. disse o seu papel, e disse mal, em phrase colorotica e escrofulosa. No mais, cingimo-nos, por ora, a remettel-o para um livro que anda hoje por todas as mãos — a *Esthetica* de Veron, cap. V e VI; ou, se quiser estudar os segredos da composicão mais conscienciosamente, a Faine, *Idéal dans l'art*, I, 64, Ren lelet, *l'art d'écrire*, livro II, Ordinaire, *Rhetorique nouvelle*, introduccão; isto para não recomenhar-lhe obras mais pesadas, de mais difficil digestão.

No ultimo autor pelo menos encontrará a razão porque muitas vezes um homem do povo, ignorante, referindo um acontecimento commum, que o impressionou, consegue ser mais eloquente e expressivo do que o litterato sem talent que se metteu a descrevel-o *secundum artem*.

O Novico

(Continúa.)

POLITICA E POLITICOS

Até o momento em que escrevo são dois factos importantes deram-se no nosso mundo politico: a desistencia da candidatura do Sr. Dr. Ernario pelo 5º districto de Pernambuco em favor do Dr. Joaquim Nabuco e a fallaa de Sua Magestade.

Parabens ao paiz por esta desistencia.

Era necessaria a presença do illustre pernambucano na camara temporaria.

Tudo quanto tem feito os conservadores e liberaes para obstar a entrada do Dr. Nabuco no parlamento, provem do receio de que elle possa destruir os planos e confundir as aspirações que alimentam o espirito e presidem ao actos da maioria.

Fraca pelo talento, desprestigiada na opinião publica, destituida de criterio e de senso, a camara teme que os seus projectos sejam frustrados e para isso lança mão de todos os meios inconvenientes e capciosos para levar por diante os seus criminosos planos.

Veremos o que ella tenciona fazer ainda com o novo diploma do Dr. Joaquim Nabuco.

O paiz que se prepare para assistir a mais este insulto e a mais esta indignidade.

Felizmente este povo já se habituou ao insulto.

O seu caracter amolda-se a tudo.

S. M. deve estar contente com a sua obra e tranquillisar-se.

Conseguiu corromper o fundo de consciencia que parecia alimentar o seu espirito.

Admiravel poder dos monarchas!

A fallaa com que o imperador encerrou a sessão extraordinaria, sobre ser frivola, é criminosa.

O que me causa verdadeiramente pasmo é o sangue frio com que Sua Magestade insulta o paiz que governa.

Pois Sua Magestade tem a coragem de dizer que as nossas condições sanitarias permanecem satisfactorias, tendo-se apenas a lamentar *alguns* casos fataes de febre amarella, occorridos na corte e recentemente na Bahia? que a questão do elemento servil exige uma solução que tranquilise a *nossa lavoura*? que «sua muito amada filha a Princesa Imperial e seu muito amado genro o Sr. Conde d'Eu, regressaram com felicidade da viagem que fizeram a algumas provincia do sul», etc.?

Pois então serão proprias de um homem illustrado (como dizem ser o Imperador) estas trivialidades, esta falta de sinceridade, este indifferentismo para tu lo quanto interessa a nossa vila e a nossa propriedade?!

Até quando Sua Magestade querera repetir-nos estas *chapas* e abusar assim da lamentavel situação em que nos collocou?!

Ah! Sua Magestade tem sabido reinar, porque tem sabido dissimular.

O seu reinado é uma dissimulação continua, uma serie de monstruosidades.

Antigamente em Franca por qualquer cousa gritava-se: — Viva o rei!

Quando Turanne, crivado de feridas, recolhi-lo á sua tenda de guerra, estava prestes a expirar, victima da sua bravura e do seu patriotismo, bra gritavam: — Viva o rei! em vez de saudarem a Turanne e aos soldados francezes.

Entretanto, o rei madornava mollemente «sob os pavilhões da voluptuosidade», indifferente a tudo, aos factos importantes que se davam a cem leguas de Paris.

A mesma cousa deve fazer o povo brasileiro.

Enquanto um pequeno numero brada contra as iniquidades do segundo reinado, enquanto as idéas novas crescem, desenvolvem-se, accentuam-se no espirito d'este pequeno numero e o impellem á lucta, o povo brasileiro deve gritar como o povo francez no seculo XVI: — Viva o Rei!

AMBROSIO SEVERO.

" A ILLUSTRACÃO "

Acabamos de receber deste magnifico periodico illustrado, de que é director Mariano Pina, e que se publica em Paris, uma d'essas provas de consideração e de sympathia, tão honrosas e tão delicadas, que tolhem a quem as recebe a propria manifestação do agradecimento.

De facto, não sabe *A Semana* como manifestar á *Illustração* o quanto a honrou, o quanto a honrou, o quanto a desvaneceu a pagina do seu n. 8, em que se encontra esplendidamente reduzida pelo processo photo-typico a primeira pagina do nosso n. 4, tendo ao centro habilmente desenhado á penna pelo distincto pintor portuguez Ramalho, um retrato do director d'*A Semana*.

Só lhe diremos que essa bella pagina da *Illustração* aloreza em um quadro o nosso escriptorio lembrando-nos a todo instante a grande divida de que é nosso credor esse magnifico periodico illustrado, e estimulando-nos ao trabalho e

á lucta, com o incentivo dos seus benevolos applausos.

Ao nosso illustre collega director da *Illustração* agradecemos ainda uma vez mais a sua amabilissima distincção e pedimos venia para honrar as nossas columnas com a transcripção das palavras excessivamente lisongeiras que sobre a nossa folha e seu director escreveu, acompanhando o desenho que nos de licou.

São estas:

« A SEMANA »

O jornal de que hoje damos uma redacção, acompanhada de um retrato á penna do seu director desenhado por Monteiro Ramalho, appareceu ha pouco tempo no Rio de Janeiro, e representa as aspirações d'um grupo de moços escriptores que provam largamente naquella folha que não é pequena nem doente a vida litteraria na capital do Imperio.

Como todos os semanarios deste genero, *A Semana* é uma agradável exposição de prosa e verso, destacando-se principalmente a parte critica onde são tratados com brio, e com audacia mesmo, todos os acontecimentos mais importantes que as folhas diarias relataram nos sete dias decorridos. *A Semana* tem encontrado publico, e publico sympathico, e parece-nos que um bello futuro a espera se consegue transformar-se lentamente n'uma revista de caracter definido, que seja a expressão do espirito brasileiro moderno, que seja a expressão da vida litteraria e da vida universitaria do paiz, como outras revistas do mesmo genero que se publicam em Franca, em Inglaterra e na Belgica.

Para isso não falta talento aos seus collaboradores onde ha nomes que já tem passado com successo pelas paginas da *Illustração*, especialmente nomes de poetas; nem talento nem coragem ao seu director Valentim Magalhães, um poeta estimado e que ha dous annos se tem revelado na *Gazeta de Noticias* um jornalista de grandes recursos, escrevendo todos os dias um artigo sob o titulo geral de *Notas á margem*. Este esforço de produzir diariamente uma dezena de folhas de papel causou admiração entre a imprensa fluminense onde o artigo pittoresco, isto é a *chronica*, é pouco cultivado. E o moço jornalista conquistou rapidamente um lugar brilhante, pelas suas qualidades de estylo e facilidade de producção. Não diremos que os seus artigos reunidos produzam uma collecção tão agradável como a de *Parisis* no *Figaro*. O assumpto ás vezes era escasso, o artigo tinha de se fazer, e o artigo em certos dias mostrava apenas o desejo de fazer a cousa para descargo de consciencia, — não o trabalho paciente de quem se preoccupa todas as manhãs de trabalhar bem duas horas, sem pensar no jornal. Mas á parte certas irregularidades que nós apontamos de caso pensado, para provar ao publico que lemos com interesse os escriptos de Valentim Magalhães, a maioria dos seus artigos é excellentes e forma uma invejavel bagagem. Pena é que a sua existencia seja tão ephemera; que depois de lido se atire com o jornal para o canto; e que muitos daquelles artigos transformados em paginas de livro não possam ir adornar as estantes do seu paiz, onde, como em Portugal, os volumes são cada vez mais raros, não porque o publico não leia, mais porque os verdadeiros escriptores não se sentam todos os dias á sua banca de trabalho como deviam — pensando mais em se sentar ás bancas das secretarias de estado. Emfim, o escriptor antes de ser escriptor quer ser

um burocrata, e é por isso que devemos applaudir com tanto mais enthusiasmo todos aquelles que confiam cegamente no que vale e no que pôde produzir uma penna, intelligentemente dirigida.

BELLAS ARTES

ESTUDOS E APRECIACÕES

por Felix Ferreira

Começando esta rapida noticia acerca desse trabalho, applaudimos a intenção principal do seu auctor no tangente á necessidade de se tornarem conhecidos entre nós os poucos artistas que illustram a arte brasileira. Sob esse aspecto a tentativa do Sr. Felix Ferreira é digna dos louvores da imprensa e da geral animação.

O trabalho divide-se em diversos capitulos, assaz longos e facilmente delineados, principalmente o primeiro, em que o auctor traça um rapido esboço das origens e do desenvolvimento das bellas artes até os nossos dias.

Não é sempre fiel á historia; á parte porém os erros em que revela a sua não proficiencia na materia, como por exemplo as inexactidões desculpaveis em um amator que nunca contemplou os verdadeiros scenarios da arte, e contenta-se de usar da linguagem de escriptores estrangeiros cuja fidelidade é muitas vezes contestavel, á parte esses senões inevitaveis em critico brasileiro que não sahio do seu paiz, o precitado amator da historia da arte dá boa idéa dos seus talentos e da sua aptidão.

E' por esse lado que o seu opusculo merecerá ser conservado nas mãos d'aquelles que o receberam em mimo.

Sahindo porém dessas apreciações geraes ou puramente theoreticas, onde não pôde imperar a paixão, nem perturbarem o espirito considerações estranhas ao deleite do escriptor em narrar e expor, caher o Sr. F. Ferreira em menos desculpaveis enganos, e offende a verdade desconhecendo as principaes condições do bom critico, isto é, a imparcialidade e a sobranceira intellectual.

Os artificios com que tenta nivellear reputações estabelecidas sobre uma longa serie de factos incontestaveis e de alta significação com outras menos explicaveis e merecedoras do publico acatamento, os esforços com que procura co-honestar essa deslealdade de escriptor em detrimento da verdade, e digamol-o, da sua propria reputação de moço illustrado, são tão palpaveis, que não poderão escapar a quem folhear o livro.

Mais do que os gallicismos, ausonismos, barbarismos, neologismos, de que usa constantemente, constituem esses defeitos a parte negativa do folheto, a parte intencionalmente má, que engloba o verdadeiro e o falso de modo a dar a ambos o mesmo aspecto, estabelecendo como facto aquillo que é diametralmente contrario á realidade.

Não descereamos aos nomes proprios como já o fez com rara delicadeza o Sr. Carlos de Lact, para mostrar a injustiça do Sr. Felix Ferreira, tratando do Dr. Pedro Americo; e nem o poderiamos fazer no curto espaço que nos é franqueado para esta ligeira noticia; mas não podemos deixar de dizer que, muito mais do que a arte está na infancia a critica brasileira; por consequencia não pôde ainda esta guiar o artista; maxime se este, como o Dr. Pedro Americo, tem, n'uma multidão de periodicos, folhetos e grossos volumes escriptos na velha Europa, em linguagem e expressões que encheriam de orgulho ainda o homem o mais modesto, a prova irrefragavel do alto apreço com que alli, no berço e perpetuo theatro da arte, sempre foram tidos os seus trabalhos.

Concluindo, necessitaremos somente que a justiça e a imparcialidade são a principal garantia de vida de toda a expressão de juizo; e que o escriptor que pretender deixar protestos contra ou a favor dos seus contemporaneos, dispense das paixões que tendem a destruir-lhe o criterio e tirar o valor das proposições que emittir.

A. F.

RUY-VAZ

Scenas da Bohemia Fluminense

POR

Aluizio Azeredo

I

(Continuação)

— Com a breca! exclamou elle, voltando-se para o outro rapaz, e apresentando tragicamente para a cidade que lhe apparecia ao longe, como uma grande massa negra, crivada de pequeninas luzes vermelhas, — Ou eu levo o diabo por uma vez ou hei de encontrar alli um furo por onde passe esta cabeça!

— Quaes são os teus projectos no Rio de Janeiro?

— Sei cá! Trabalhar, estudar, fazer-me homem, ganhar a vida.

— E ainda não tens alguma carreira de olho?

— Muitas.

— Isso é não.

— Será, mas é assim.

— E qual d'ellas teucionas abraçar de preferencia?

— Ainda não sei — talvez a pintura, a caricatura, talvez a litteratura, talvez o theatro, talvez o jornalismo, talvez tudo isso a um tempo.

— Já vejo que tens muita confiança em ti...

— Plena!

— E supões que qualquer uma d'essas coisas a que chamaste carreiras se alcance com tanta facilidade?

— Ora! Tudo se alcança, quando ha força de vontade e bom estomago!

— Sim, mas o estomago quanto mais forte, menos resiste á fome; e a vontade, quanto mais ardente, mais depressa se extingue!

— Theorias!

— Dentro de muito pouco tempo, reconhecerás a justeza do que agora te digo.

— O que ninguem diria é que essas palavras sahem da bocca de Etophilo!

— Não é o poeta que falla neste momento, é o homem pratico.

— Ah! Pois tu tambem és homem pratico? E não me dizias nada, hypocrita!

— Que seria de mim se não fosse o meu bom senso? Estaria a ostas horas enterrado no sertão da provincia, em vez de estar no terceiro anno de Direito.

— Sim, mas não foi com o teu bom senso que escreveste aquellas esplendidas poesias, poesias que determinaram o teu futuro e a boa protecção de varios conselheiros de Estado.

— Isso é exacto. Si não fossem as minhas poesias, não teria estudado; mas tambem, si não fosse o meu bom senso, não me teria eu sabido aproveitar da impressão que ellas causaram sobre os meus actuaes protectores.

— E o caso é que tens o presente garantido pelos teus altos admiradores, e o futuro pelo inextimavel pergaminho em que S. Paulo tenciona embrulhar-te d'aqui a dous annos.

— Se eu não morrer antes disso...

— Se morreres, tanto melhor para ti, e tanto peor para aquelles que contam com a tua gratidão e o teu eterno reconhecimento. Olha que logro, heim?

— Quem me dera a tua saude!

— E a mim quem dera o teu estro. Havia de fazer versos até arranjar tambem meia duzia de conselheiros que me puzessem ao abrigo das primeiras necessidades—casa, comida, roupa lavada e engomada e dinheiro para o bond.

— Teus versos são quasi quasi tão bons como os meus. Assim eu d'esses um pouco mais da forma.

— Ora, deixa-te d'isso!

— Imaginação não te falta!

— Bem sei, e é justamente com o auxilio d'ella que eu consigo transformar o sujo lençol das minhas necessidades em esplendido manto de seda azul, constellado de estrelinhas de ouro.

— E's um doudo.

— Pode ser, mas dou-te a minha palavra de honra em como não ha no mundo homem mais feliz do que eu! Qual foi nesta viagem o passageiro mais alegre, mais paudego e que mais se divertio?

— Ah! Não ha duvida que foste tu; só as tuas interminaveis caricaturas bastaram para trazer isto em constante hilaridade.

— E forcereem-me dinheiro para gastar nos portos...

— Como assim?

— Pois não. Vendi todos aquelles desenhos.

— Vendeste-os?

— A dez tostões cada um.

— Oh!

— Que queres. Eu estava sem vintem.

— E agora?

— Agora restam-me seis mil réis.

— E é com esse dinheiro que vais saltar na Corte?

— Esse dinheiro, uma duzia de camisas, meia duzia de coronhas, tres gravatas, lenços, meias, dous fates, dous chapéus, muita esperanca, uma bengala e este cachimbo.

— E onde vais morar?

— Não sei. Onde puder. O Rio de Janeiro é tão grande! Ha de ser impossivel que entre aquella porção de casas não haja um quarto para mim!

— Criança! não conheces o Rio de Janeiro!

— Mas me conheço a mim, ora essa!

— Eu, se não fosse para S. Paulo, convidava-te a morar em minha companhia.

— Ah! Não te assustes! Deixa estar que eu hei de me arranjar.

— Trazes cartas de recommendação?

— Nenhuma.

— Então, antes de seguir amanhã para S. Paulo, hei de apresentar-te a alguns amigos.

— Aceito.

— E posso fazer ainda uma coisa. Dou-te vinte mil réis.

— Queres dizer que m'os emprestas...

— Ou isso. Vem a dar na mesma.

II

No dia seguinte, ás seis horas da manhã, saltavam os dous rapazes no cães Faroux.

Etophilo, que já conhecia a Corte, affectava por ella grande indifferença; enquanto que Ruy parecia muito empenhado em tudo que se apresentava defronte dos seus olhos.

E as exclamações de enthusiasmo sahiam-lhe da bocca, quasi sem intervalllo.

E preciso não ter nascido e crescido no Rio de Janeiro para se poder julgar da impressão que esta bella cidade produzia no espirito do rapaz.

Os fluminenses, habituados desde o berço com as naturaes magnificencias de sua patria, já se não commovem defronte dos esplendores que ella grupa em torno de quem a habita.

Mas o provinciano, que vem cansado da aspera monotonia do norte; o provinciaño, que até ali só vio em redor de seus passos longas planicies de areia ou porentos mattagaes bravios; esse,

coitado, ao penetrar n'este immenso edeu, embalsamado e tépido, sente acordar dentro de si, uma por uma, todas as fibras que elle trazia intactas no fundo de sua alma contemplativa e romantica.

— Por Satanaz! exclamou o bohemio. Isto é muito mais bello do que eu imaginava!

— Sim, respondeu Etophilo, mas não fiques ali no cães, de pernas abertas e mãos nas cadeiras, que precisamos dar destino a tua mala!

— Manda-a para onde mandares a tua.

— Mas, filho, tu bem sabes que eu vou hospedar-me em casa do Dr. Mendes.

— E' verdade! Não me lembrava.

— O melhor é deposital-a em qualquer parte, até que tu has para onde a mandares definitivamente.

— Mas onde?

— Ora! No primeiro armazem de cargas. Eu me encargo disso.

E gritando para um homem de ganho:

— Olá! Essa mala para a rua da Carioca, no ponto das cargas.

— So esta?

— Só. E por quanto faz o carreto? perguntou o outro rapaz.

— O patrão veja o que quer dar.

— Tome lá duzentos réis.

— E' pouco.

— Pois tome quatrocentos, e mus-quesse!

— De cinco tostões.

— Vá lá. Aqui os tem. Siga.

Por esse tempo, já Etophilo acabava tambem de desembarcar-se da sua bagagem, e os dous, caminhando ao lado um do outro, atravessaram o largo do Paço.

(Continúa.)

THEATROS

Esta semana houve, felizmente, duas primeiras representações. *Ox filhos de Adão*, segun la-feira, no Lucia; e *A Ave do Paraíso*, terça-feira, no Sant'Anna.

Ox filhos de Adão é uma comedia ligeira, em trez actos, do notavel poeta hespanhol Euzebio Blasco, já conhecido do nosso publico por duas magnificas peças cada qual no seu genero: *O Leuco branco* e *O joven Telemaco*.

Esta nova comedia é admiravel de simplicidade e de graça. O assumpto corre naturalmente diante do espectador, sem o minimo esforço, subindo de interesse de scena para scena; as situações, muito comicas e naturaes, são tratadas com maestria, conhecendo-se sempre o pulso adestrado no difficil jogo das scenas theatraes. *Ficelles*, apparecem lá de vez em quando, mas disfarçadas com muita arte; e este recurso dramatico é muito desculpavel, mesmo porque não conhecemos comedia alguma que não se tenha servido d'elle, nem mesmo as dos mais afamados mestres, inclusive a justamente celebre de Pailleron *Le monde où l'on s'ennuie*.

O desempenho correu regularmente se desculpamos ao Sr. Arthur Bellido as hesitações que teve em varias scenas, porque o papel que lhe coube é um pouco mais difficil do que aquelles a que está acostumado o novel actor, e porque todo o seu trabalho tem de correr a par do do Sr. Baptista Machado, artista já feito e affeito a vencer difficuldades de papeis comicos.

O Sr. Ferreira teve um papel insignificante, que representou satisfactoriamente.

As Sras. Adelina e Sara, representaram com bastante graça e naturalidade, sendo muito felizes em algumas scenas.

A comedia foi ensaiada com grandes captichos de marcação, especificidade em que Furtado Coelho é entre nos mestre inegualavel.

Terça-feira realizou-se o beneficio do sympathico actor Baptist Maclado com a *sociedade onde a gente se aborrece*.

A casa estava cheia de admiradores do distincto artista, que foi muito victoriado e recebeu varios presentes de valor, entre os quaes um magnifico relógio e corrente de ouro com uma medalha cravejada de brilhantes, offerta da empreza e de alguns amigos.

Lá lhe deixamos tambem o nosso bilhete de emprimentos á falta das joias orientaes que desejamos offerrecer-lhe.

A AVE DO PARAIZO

Sabido á scena do theatro Sant'Anna na noite de 19 do corrente esta opereta (?) de Lecocq, libretto dos famosos Chivot e Duru.

Pelo acolhimento que lhe fez o publico e pelas impressões que nos deixou não cremos que se demore por muito tempo nos cartazes daquelle estimado theatro, de todos os da corteo que mais conta com o favor e a sympathia do publico.

O acolhimento foi frio e as impressões pouco agradaveis.

Para esse resultado concorreram varias causas, antes devidas á propria peça do que ao desempenho que lhe deu a companhia de Sant'Anna.

Na *Ave do Paraizo*, librettistas e compositor, não tiveram a fortuna alcançada em tantas outras peças, em tola parte applaudidas.

O libretto é pouco interessante, pouco divertido e muito arrastado, me liço, em summa. Faltam-lhe situações francamente comicas, imprevistas e delicadas; as personagens não se distinguem n'um certo originallidade ou pelo chiste dos typos, nem pelo espirito dos diálogos.

So se exceptua Bricoli—o conde corralo—que fez a mão da filha o que do seu voto fez o Sr. Simimbu Junior: ora a concede, ora a recusa:—*sim, não; não, sim*.

A musica nem parece de Lecocq, o famoso autor da *Fille de Madame Angot*, de *Giroflé-Girofla*, d'*O Dia e a Noite* e de tantas outras operetas de musica facil, saltitante—deliciosa.

Na *Ave do Paraizo* deitou sabença musical, mettu-se em funduras de opera comica e naufragou n'um mar de sem-saboria e trivialidade. Não quer isto, comtudo, dizer que não haja nesta peça alguns trechos realmente bons.

Citemos, no primeiro acto, a aria da *Rosinha*—o *oiseau bleu*—, as coplas da gargalhada no 2º acto, que foram cantadas por Guilherme de Aguiar (*Bricoli*), de um modo inimitavel, com muito gosto, muito chiste, e inteira correção; o final d'esse mesmo acto:—*Avancar! Avancar!* o ductto de Beppo e Rosinha e o coro dos *condottieri* no terceiro acto, que fez verdadeiro successo.

E além desses ainda ha outros numeros de musica, que produzem bom effeito.

Quanto ao desempenho, demos o logar de honra ao insigne Guilherme de Aguiar, um artista de primeira ordem, sempre consciencioso e sempre feliz; que *eré* quantos papeis desempenha e que, infelizmente, ainda não recebeu do publico e da imprensa a justiça a que tem direito.

Depois—Rose Meryss, que se apresentou vestida com extremado gosto e muito luxo.

Pollero, Delmary e Delsol cantaram bem, apezar das grandes difficuldades que tiveram a vencer; Mattos, Arcas e os demais artistas concorreram para que a peça houvesse tido uma interpretação muito aceitavel.

Os coros pouco numerosos e vestidos com algum descuido, portaram-se ga-

lhadamente. A orchestra, salvo um ou outro *eschilo* esteve digna de encomios.

Ora ahí está o que nos pareceu o *Oiseau bleu*, nesta ligeira noticia, rabisca-la a *vol d'oiseau*.

Não foi um *fiasco*;—menos ainda um *successo*.

Conclusão:—Vá o Sr. Heller tratando activamente da peça, que deva substituir a *Ave do Paraizo*.

Deve subir hoje á scena do Recreio a *Filha do Guees*, comedia-vauville em 3 actos, imitada da peça franceza *Les Bousigneul* «por um dos melhoes escriptores brazileiros», diz o annuncio. A musica e da intelligente compositora nacional D. Francisca Gonzaga.

A companhia Fanny deve dar na proxima semana a primeira da magica *O Genio do Fogo*.

A companhia Manzoni continúa com a *Filha da Sra. Angot*.

Deve chegar ate ao fim d'este mez a grande companhia franceza de opera comica e buifa, empreza Sebastiany.

Por ordem de S. M. o Imperador foi transferida do dia 20 para o principio do mez proximo a primeira do *No Séo da Morte*, que é em beneficio do actor Dias Braga, director da companhia do Recreio.

QUESTÃO LITTERARIA

QUAL O MAIOR POETA DO BRAZIL?

Por absoluta falta de espaço não publicamos hoje a continuação da votação insirindo apenas algumas cartas que já o deviam ter sido no numero passado:

« Ilm. Sr. Dr. Valentim Magalhães.

Recebi a carta de V. S., a que acompanhou o n. 15 d'*A Semana*, no qual se propoe a questão—Qual é o maior poeta do Brazil?

Não desejo, que me considere incivil, deixando de responder; por isso o faço, diz ndo apenas, que não conheço nenhum dos nossos poetas, que se destaca sensivelmente dentre os demais pelo conjuncto dos trez predicados—de mais inspirado, mais fecundo, e mais original—a que cumpre atender na resposta, conforme o explica o artigo da *A Semana*, que apresenta á preselta a questão; todavia forçado a emittir opinião, declaro-me por Gonçalves Dias.

Sou com estima

De V. S.

P. collega venerador

T. de Alencar Araripe

Rio, 5 de Maio de 1885.

« Em resposta á honrosa carta que se dignou V. Ex. de dirigir-me, questionando-me sobre a minha humille opinião ácerca do melhor poeta brazileiro, tomo a liberdade de pon lerar a V. Ex. que por demais embaraçado me vejo para acudir ao honroso appello a mim feito, entre varios motivos, pelo de não ser um litterato e menos habilitado a promulgar juizo seguro sobre assumpto d'esta ordem. Meio cultor de sciencia, sem grandes sobras de tempo para a litteratura, que aliás muito aprecio, so poderia ser averbado de incompetente para juiz d'esse certamen.

« Demais, me parece sobremodo difficil a solução de tal questão lançada em absoluto, porquanto é possivel encontrarem-se nas diferentes formas da poesia, taes como a lyrica, epica, satyrica, etc., um nome que se possa reputar o primeiro em uma d'ellas e muitas vezes o ultimo nas demais.

« Eu que pretenha suppor Laurindo Rabello o nosso primeiro repentista, não me julgarei autorisalo a equiparal-o aos mediocres poetas lyricos brazileiros.

« Entre estes, peço permissão para confessar que sempre julguei-me mais suavemente impressionado pelo nosso poeta Gonçalves Dias.

« V. Ex., entretanto, não me considere no numero dos que podem concorrer com peso de opinião para a solução do seu interessante problema.

« Honrado com a sua benevola consulta e lettra, julguei-me obrigado a corresponder a essa prova de consideração que venho agradecer.

« Subscrevo-me, pois, com a maior consideração, de V. Ex. muito attencioso venerador e criado obrigado—*Moncorvo*. »

Do Sr. Dias da Silva Junior recebemos as seguintes linhas:

Muito penhoralo fico a V. Ex. pela honraria que me dispensou, e se em assumptos litterarios o meu voto pode ter valia, aqui o dou com a isenção e franqueza, que me são costumeiras.

Por quiesquer das faces porque se estule, aprecie ou admire Domingos José Gonçalves de Magalhães, mais tarde Visconde de Aragnaya, não se pode com justiça negar-lhe o primeiro logar entre os poetas brazileiros.

Para assegurar-lhe essa posição entre os nossos poetas basta-lhe-hia os *Suspirios Poeticos*, se com outras joias do seu riquissimo escriptorio não nos houvesse mimosado, acrescentando ter sido o creador da escola romantica no Brazil.

Eis externado o meu voto e lamentarei se for de encontro ás convicções de V. Ex., pois n'este como em todos os assumptos da minha vida, suborlino-me ao sentencioso dizer de Alexandre Herculano:—Isto penso, isto digo, isto sinto, isto vai no papel, que le outro mo lo não sei fallar nem escrever.

De V. Ex. patricio e admirador.—*Dias da Silva Junior*.

GERMINAL

II

(Conclusão)

Na impossibilidade de resumir aqui as ideias emitidas sobre esse momentoso assumpto, por Spencer, Bain, C. Bernard, Virchow, St. Mill, Lewes e outros, seja-me licito transcrever as palavras de Sciliani nos seus *Prolegomenos á Psychogenia Moderna*, commentando o aphorismo que mais circula hoje no mundo scientifico, de « que o facto psychico e o facto physiologico são irreductiveis aos olhos da sciencia », ou em termos mais positivos—que o homem é impotente para explicar como o movimento se transforma em movimento, como as leis objectivas se convertem em subjectivas,

« No numero incommensuravel de ideias novas e originaes do nosso seculo, diz aquelle autor italiano, existe uma de que pouco caso se tem feito, mas que se deve assignalar como a grande descoberta, a descoberta por excellencia do espirito philosophico moderno: é, para me servir da feliz expressão que St. Mill empregou contra o espirito systematico de Augusto Comte, a de deixar abertas certas questoes: expediente a admiravelmente adoptado, não a fazer sciencia e ainda menos methaphisica, mas a avançar com solas de cuumbo no caminho das pesquisas scientificas, um caminho modesto, sensato e seguro.»

E' sabido que para os espiritos preguiçosos não pode haver maior tortura do que esse estado de tensão continua. A critica é a unica condição do seculo,

e, em materia psychologica, não ha progresso possível sem o duplo estudo da alma pelos processos da analyse e synthese, tanto objectiva como subjectiva. Foi esse o methodo que aoptou o grande Spencer no seu tratado de psychologia e Pathé toda a energia das suas proposições.

Emilio Zola querendo entretanto dar-se uma educação philosophica, com suas tenencias revolucionarias, e a sua natureza profundamente idealista, repellido das ensanchas que poderia dar á sua imaginação, pelo receio de passar por um atraziado metaphysico, atirou-se ao extremo opposto. Declarou-se pela psychologia, e procurou extremar no romance e leu um modo dogmatico, as experiencias de Chau le Bernart. D'esse passo erra lo resultaram ao escriptor duas consequencias lamentaveis, por um enornemente logicas, consequencias da alogia) le um methodo contrario a uma fulgurante intelle litteraria:— a primeira foi o pessimismo, e a segunda a lacuna que muitos já têm notado nos seus personagens, a falta de psyché. E' preciso explicar o facto. Os personagens de Zola não denunciam nos seus actos, nos sentimentos, a existencia dos grandes centros, onde se elabora os phenomenos da responsabilidade, da esthesia, da energia, etc., etc. Os seus Coupeau, Engenio Rougon, Lantier, etc., não passam le puro mecanismo la animalidade. D'essa circumstancia não podia pois deixar de nascer um certo vazio na sua obra; outro resultado não podia vir d'esse methodo improprio e antilitterario.

Creio na clinica psycho-litteraria como na veritade, e aceito como facto veritico lo que idéas systematicas lançadas no espirito de individuos tota los de certo temperamento produzem os mesmos resultados que o alcool e outras substancias toma las em doses toxicas.

Não ha quem ignore a vida le Elgar Poë, os phenomenos que o alcoolismo produzio n'essa privilegiada organisação, desagregando os centros de actividade, fuzen lo-o, durante a terrivel nevrose, per ler a noção la realidade, substituiu lo-a pelo assombroso—extraordinario de um modo tão logico como é logico a propria loucura, que não é outra cousa mais do que a perla da seriação conjuncta. Pois bem, Zola marchou para um estado egual, mas determina lo por causa scientifica.

Soccorrendo-me de um dividio que o seu amigo o russo Tonquenet fez da sociedade em trez camadas, comprehendendo la primeira os selectos, a segunda os melhos, e a terceira os monstros, posso dizer que a sua incipiente nevrose litteraria o collocou em um daltonismo tal que não o deixa ver senão os monstros, direi melhor, as monstruosidades physiologicas.

Quando assisti aqui á representação da *Theresa Raquin*, pela Pezzana, houvo, na admiravel execução lo papel da Sra. Raquin por aquella actriz, um traço, que profundamente impressionou-me: foi o olhar da velha paralytica, que acompanha os assassinos do filho, durante os ultimos actos da peça. Esse olhar é uma cousa terrivel, indifinível, porque não é o olhar humano: é uma vibração sem nome na physiologia, que so se encontra nos epilepticos, nos convulsiona los pela nevrose, na morte dos centros directores, na inconsciencia, na anarctia da materia organica. Pois bem, esse olhar sem nome, ou a sensação que elle causa, é a nota predilecta do mestre, e percorre toda a sua obra com uma alma insensata, como a alma do pavor;—a marselheza da nevrose que avança proclamando a aniquilação da consciencia, o na la do esforço, do *nisus* moral e educativo.

Emquanto a grandes theses criminaes, Zola, segun lo as naturaes consequencias do methodo que o avassalla, chega aos piores resultados.

Eu, pelo menos, creio que existem quatro typos distinctos de organisações humanas.

a) O homem impenetravel ao crime, isto é, o tota lo de tal estrutura e concomitantes habitos mentaes, que a simples intelligencia mal constitue uma perturbação;

b) o indifferente por vicio de educação ou por uma falsa associação de idéas;

c) o doente;

d) o monstro, ou o caso teratologico.

Maudsley no *Crime e a Loucura e Pathologia mental* e parece-me que Lombroso no *Como delinquente*, por ventura exagerando as causas complexas que produzem a penultima classe, dão-lhe o maximo de importancia. Ha mesmo uma escola muito seguida, mas ta abem com lema la por boas antedidas, escola que teve em Brouvais um dos seus mais valentes cooperadores, a qual attribue o crime unicamente á enfermidade, e trata de substituir o hospicio á tão debatida penitenciaria, tornando portanto inutil a *ameaca* penal, que quanto a mim é hoje o unico meio de educação collectiva possível, para a classe mais extensa, que incontestavelmente é a segunda.

O autor do *Assomoir* fatalmente considera o mundo um agregado le inlividuos mais ou menos aliena los. Quando a sua obra esten ler-se um pouco mais, teremos uma gralção consequentemente pavorosa. Eila. Nos seus livros já appareceu o homem vesnico, por força da vesnia de familia; a familia vesnica, por força da vesnia do grupo napoleonico. Agora falta-lhe mostrar esse grupo vesnico, por força da vesnia do povo que o formou, o francez; esse povo vesnico por força selectiva da raça latina, d'essa raça que como se sabe pro luziu os Neros e os Calligulas, os Borgias, o Papa lo e a Inquisição; finalmente teremos a raça latina vesnica por força do vinho que o pai Noé bebeu quando desalçou-se da arca bibeica.

E ainda por cumulo de consequencia diga-se com Schopenhauer e Hartmann, com to los os pessimistas de to los os tempos, de to los os paizes:

— A vida não vale a pena viver-a;

— Ao suicidio em massa!

Ou então como o nihilista Souvarine o interessante heroe do *Germinal*:

— Ce sont des betises, messieurs.

E façamos ruir a machina social e moral, tão trabalhosamente arranjada pela natureza sob a nossa collaboração, com o mesmo desembaraço com que aquelle desalmado fez inundar e perderem-se as galerias do Voreux.

ARARIPE JUNIOR.

GAZETILHA LITTERARIA

O illustre poeta Theophilo Dias promette publicar brevemente um poema intitulado *Comedia dos deuses*.

O joven poeta Wenceslão de Queiroz, academico de S. Paulo, vae publicar um volume de poesias intitulado—*Accordes*.

Vicente de Carvalho, o autor das *Ardentias*, promette para brevemente um novo livro de versos:—*Manhans de Abril*.

Sob o titulo geral de *Collaboração* abrimos hoje uma secção destinada á publicação de trabalhos das pessoas, que, não pertencendo ao quadro dos nossos collaboradores effectivos, nol-os enviarem e offerçam.

E' escusa lo dizer que so figurando nella as composições que a redacção desta folha julgar dignas da publicabilidade, não se responsabilizando de nenhum modo pela sua origem.

CANÇÕES SEM METRO

RUIDOS DO MAR

— Words, words, words...

Realmente, como são vãos e nullas as palavras!

Homem, universo, vida, natureza... Qual o significado d'esta technologia obscura?

A sabedoria dos seculos accumulou vocabulos e vocabulos definindo o mundo por um systema pretencioso de sons. Sob a combinação chromatica das syllabas, como no envolvero impenetravel das suas apparencias, o mundo vive e persiste, inlembro sempre, absurdo e mysterioso.

A investigação dos vocabulos, arrogante e impotente, rui lo-a e revoltada, levanta-se, offega, arrojase e retrahese—coleras londejames lo mar, assariado contra o promontorio. O mysterio, acoutado nas trevas, vai zombando do embate.

Vocifera e brama o Oceano. O seu destino é esse, o destino da rocha é resistir. Tanto vale, em summa, a energia do granito, como a impotencia do mar.

Rugem as ondas e tombam... porque não vencem?

E a pedra... porque triumpho?...

Vãos e nullas são as palavras, Hamleto; mas a obscuridade que as degrada é essa mesma sombra invulneravel e tremen la, alma negra do universo, tormento perpetuo do teu crebro.

Recife, Abril 1887.

RARE POMPEIA.

RECEBEMOS

— *Cathecismo republicano*—por Alberto Salles. Diremos d'esta obra proxima mente.

— *Valentin Magalhães*—estudo, por Sylvio Romero—Edito r S. Paulo Alves.

— *O Sr. Christim e as taes!!!*—palestra comica por Alfredo Calainho.

— Revista mensal da secção da Sociedade de Geographia de Lisboa, no Brazil. Director Eduardo A. de Brito e Cunha. Corresponde le este numero aos mezes de janeiro e fevereiro d'este anno.

— *Ardentias*, versos, por Vicente de Carvalho; Santos. Oppurtunamente escrevemos d'este bom livro.

— *As Mictas*, poesias do Sr. Felix Antonio de Almeida. Brevemente daremos nossa opinião.

— *O Brazil em Buenos Ayres*, conferencia effectuada, em 30 de Abril de 1882 no palacio da exposição continental de Buenos Ayres, pelo Sr. Dr. José Pereira Rego Filho.

VICTOR HUGO

A Redacção d'*A Semana* fez um convite aos seus collegas da Corte, para uma rennião, hoje, ao meio-dia, no seu escriptorio, para se resolver sobre o melhor meio de levar a effecto uma grande manifestação de pezar pela pas-

samento de Victor Hugo, manifestação que seja digna do grande genio que o munho inteiro chora neste momento; mas sen lo possível, pela pressa com que foram escriptos os convites, ter esquecido algum jornal, convida de novo a todos os seus collegas da Imprensa para a referida reunião e desde já lhes agradece a acquiescencia ao seu pedido.

COLLABORAÇÃO

MORTA

A. E. M.

Ella era bella—se a estatua
Entre as sombras da capella
Dormida sobre um sepulchro,
Immovel, p'de ser bella.

Era pie losa—se basta
A phrase que não consola;
Se o ouro dado por fausto
Pode acaso ser esmola.

Pensava—se o vão ruido
Na debil voz do lamento,
Como a fonte que soluca,
Pode ser um pensamento.

Orava—se acaso os olhos,
Em que o fulgor transparece,
Volvendo-se aos céos e á terra
Assim traduzem a prece.

Ella sorria—se acaso
A flor, que não desabrochasse,
Podera entrar abri-se aos beijos
Do vento, que a abandonasse.

Chorara—se por ventura,
As mãos sobre o coração,
Não sentisse o orvalho frio
Gottejando sobre o chão.

Ella amara—se do orgulho
Sua alma não fosse presa,
Como a lampada de um tumulto
Inutil porém accesa.

Infeliz! fugiu da terra
Sem um só dia viver!
Cahiu-lhe das mãos o livro,
Onde nunca soube lêr!

M. F. LIMA JUNIOR.

Havendo a morte de Victor Hugo ocasionado um acrescimo de materia com que não contavamos, vimonos forçados a guardar para o numero seguinte alguns artigos já promptos; entre os quaes:—*O Dr. Luiz Delfino e a Poesia Nacional*; *Questão Litteraria, Canções sem metro*, de Raul Pompeia; *Galeria jornalística, O Dr. Ferreira de Araujo*; *Poetas brasileiros, Valentin Magalhães*, por Teixeira Bastos. Desta involuntaria falta pedimos desculpa ao publico e aos nossos distinctos collaboradores.

CORREIO

Sr. M. O.—Não tem razão a sua queixa. A secção *Recebemos* é destinada unicamente ao registro gradnal das publicações que nos são enviadas; por isso não devia o Sr. M. O. estranhar que *A Semana* se houvesse avaliado o *Cinco de Maio* pelo aspecto typographico. O espaço da *Semana* é pequeno e muitos os trabalhos a apreciar. Eis a razão da demora na publicação da critica sobre o *Cinco de Maio*. Um pouquinho de paciencia. A *Semana* não se dispensa nunca de dar juizo sobre qualquer publicação de algum merecimento. Vamos lêr o que nos indicou em sua segunda carta.

ANNUNCIOS

ERNESTO PINTO COELHO
SOLICITADOR
VILLA DE PADUA

DR. ARAUJO FILHO
MEDICO PARTEIRO
Residencia
Rua do Visconde do Rio Branco n. 36.

GAZETA MUSICAL

Revista quinzenal de theatros, musicas e bellas-artes. Retratos das maiores notabilidades artisticas, biographias, artigos de critica, correspondencias de Paris, Londres, Berlim, Vienna, Milão, Leipzig, Hamburgo, Madrid e Rio de Janeiro, poesias, romances e sempre

24 PAGINAS DE MUSICA

4, 5, 6 e 7 peças de autores celebres, allemães, francezes e italianos

EDICÇÃO ESPECIAL PARA O BRAZIL

N. 1

Publicado em 15 de Agosto de 1881

Assignatura mensal ou dons numeros. 25 francos
Com exclusão do porte de Correio para as provincias.
Acha-se completo o primeiro trimestre, comprehendendo 6 numeros encadernados em um só volume, ornado um magnifico album, proprio para presente

PREÇO 6\$000

REPRESENTANTES NESTE IMPERIO

H. LAEMMERT & C.

66 RUA DO OUVIDOR 66

LIVRARIA UNIVERSAL

EVANGELINA

POEMA DE

H. LONGFELLOW

TRADUÇÃO DE
AMERICO LOBO

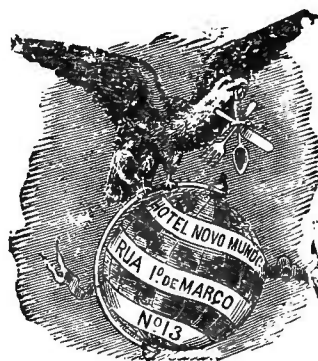
Vende-se nas livrarias Faro & Naves, Laemmert e Serafim José Alves e no escriptorio desta folha a

2\$000 o exemplar

JAMES E. HEWITT

PROFESSOR DA LINGUA INGLEZA

134 RUA DO ROSARIO 134



HOTEL NOVO MUNDO

SERVIÇO PROFUSO E VARIADISSIMO

Bons vinhos garantidos, salão reservado para banquetes, os quaes serão servidos conforme o preço que se ajustar.

13 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO

HOSPEDARIA FIEL

Rua da Alfandega n. 236 e Travessa de S. Domingos n. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrenencia publica bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos. LIMA & XAVIER

RESTAURANT VOLTAIRE

29 RUA DA URUGUAYANA 29

Almoco..... \$800 | Jantar..... 1\$000

SERVIÇO ASSEIADO E PROFUSO

Parece incrível que por tão modestos preços se possa comer tão bem! Pois venha verificá-lo, quem duvidar á

29 RUA DA URUGUAYANA 29